

Entrevista com a Professora Doutora Maria Angélica Zubaran

Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira

Dr. Roberto Radünz

Doutorado e Mestrado em História pela *State University of New York* (SUNY at Stony Brook, 1998) e Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Recipiente de Bolsa Recém-Doutor da Fapergs (1999). Realizou estudos de Pós-Doutorado (bolsa da Capes) em Literatura de Viagem, no *Birkbeck College*, Londres (2004-2005). Desde 1999 é Professora-Adjunta na Universidade Luterana do Brasil, atuando na Graduação em História e no Mestrado e Doutorado em Educação. Tem experiência de docência nos diferentes níveis de ensino (Fundamental, Médio, Superior e Pós-Graduação). Orienta no Mestrado e Doutorado em Educação, na Linha de Pesquisa Pedagogias e Políticas da Diferença. Foi coordenadora do Curso de História da Ulbra (1999-2001) e diretora do Museu Joaquim Felizardo em Porto Alegre (2010-2013). Desenvolve pesquisas com ênfase nos seguintes temas: história e cultura afro-brasileira; patrimônio cultural e educação patrimonial; imprensa negra no pós-abolição; e relações étnico-raciais e educação. É pesquisadora no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena da Universidade Luterana do Brasil. Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/6866879490535626>

Poderia nos falar um pouco da sua trajetória acadêmica e formação universitária? Quais foram os temas de pesquisa mais importantes em sua trajetória e como se deu sua aproximação com essas temáticas?

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o honroso convite do prezado colega Paulo Staudt Moreira, pesquisador da história negra no Rio Grande do Sul, com quem compartilho temáticas de pesquisa desde longa data, para conceder esta entrevista à prestigiosa revista *Métis*.

Destaco inicialmente que o período que atravessamos no Brasil, marcado pela pandemia do Covid-19 e pelas turbulências na saúde e na política,

configura-se como um momento de resiliência e resistência. E, no presente momento, parece-me importante reforçar a máxima que meus colegas historiadores têm manifestado publicamente: #DerrubaovetoPL368!

Por outro lado, gostaria de iniciar reconhecendo que minha trajetória acadêmica ocorreu graças ao ensino ministrado nas universidades públicas brasileiras. Foi na Universidade Federal de Santa Maria e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que compartilhei com colegas e professores o interesse pelo estudo e pela pesquisa da História do Brasil e o comprometimento com as lutas contra o autoritarismo e as desigualdades sociais e étnico-raciais.

Ingressei no Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, já de início, fui seduzida pela História do Brasil. Após a Graduação, ainda muito jovem, comecei minha experiência como docente no ensino de História. Logo após minha formatura, ingressei como Professora de História no Colégio Centenário de Santa Maria, ministrando aulas para turmas do Ensino Fundamental e do Médio. Naquele contexto, da abertura política no Brasil, fundamos um Grêmio Estudantil, onde discutimos questões que marcaram aquela conjuntura. Esses diálogos foram extremamente importantes para nossa compreensão da História do Brasil e alguns(as) alunos(as) estão até hoje presentes nas minhas memórias, destaco entre eles, Beatriz Weber,¹ Rita Gattiboni,² e Marcelo Canelas, que, ao longo de suas carreiras, mantiveram o compromisso com a cultura e a educação.

No ano de 1983, ingressei no Curso de Especialização em História da América Latina da UFRGS, em Porto Alegre. Nesse curso, tive colegas e professores que marcaram minha vida acadêmica e minhas experiências de pesquisa. Destaco entre as professoras, Silvia Petersen;³ Elizabeth Lucas;⁴ Ieda Gutfreind;⁵ e Bárbara Weinstein,⁶ então professora-visitante no Curso de História da UFRGS. Nesse ano, comecei a fazer parte do grupo de pesquisa coordenado pelas professoras Silvia Petersen; Sandra Pesavento;⁷ e Heloisa Reichel,⁸ para pesquisar o processo de industrialização no Rio Grande do Sul. O grupo reunia-se semanalmente, no apartamento da Professora Sandra Pesavento, onde compartilhávamos e discutíamos as fontes históricas que localizávamos nas diferentes instituições públicas de Porto Alegre. Publicamos um *Guia de Fontes*⁹ e organizamos duas exposições: uma no Museu da UFRGS e outra no Museu de Porto Alegre.

Posteriormente, ingressei no projeto de pesquisa sobre o Movimento Operário Gaúcho, coordenado pelas Professoras Silvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas e, juntamente com Naira Vasconcellos,¹⁰ tivemos o privilégio de compartilhar leituras, reflexões e fontes sobre esse importante tema da historiografia rio-grandense.

Foi então que ingressei no Mestrado em História da UFRGS, na segunda turma, onde tive o privilégio de ser aluna das Professoras Helga Pícolo;¹¹ Celi Pinto;¹² e Loiva Otero,¹³ entre outras. Contudo, o Mestrado em História ainda não oferecia bolsas de estudo para os mestrandos e, paralelamente, lecionei em uma Escola Pública Estadual de Porto Alegre. Nesse período, recebi o convite da professora Barbara Weinstein para submeter uma candidatura ao Mestrado em História da América Latina nos EUA, na *State University of New York*, no *campus* de Stony Brook.

Em agosto de 1988, tive a satisfação de ser aceita como aluna no PPG em História da América Latina daquela instituição e de receber uma bolsa de estudo, como *Teaching Assistant* (TA). Então, comecei meu Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Nova Iorque, que concluí em 1990. Posteriormente, fui aceita no Programa de Doutorado daquela universidade, e meu projeto de tese recebeu o prêmio *James R. Scobie Award Pre-Dissertation Fellowship*.

Em 1992, retornei para o Brasil para conduzir minhas pesquisas de Doutorado. Foi nesse ano que ingressei como docente no Curso de História da Universidade Luterana do Brasil, onde permaneço até hoje, como Professora-Adjunta, após uma interrupção para finalizar meu Doutorado nos EUA. Defendi minha tese de doutorado em maio de 1998.¹⁴ Minha orientadora foi a brasilianista Barbara Weinsten, cujas publicações são de reconhecida importância na historiografia brasileira. Ela foi orientanda da Professora Emilia Viotti da Costa, ex-professora an USP, que, após seu exílio político, foi contratada para ser professora de História do Brasil na *Yale University* e contribuiu para formar um grande número de brasilianistas.¹⁵

Destaco, também, na minha trajetória acadêmica, a contribuição do brasilianista Prof. Warren Dean.¹⁶ Seu livro sobre Rio Claro cumpriu um papel preponderante para se repensar a participação dos escravizados no processo de abolição.¹⁷ Fui sua aluna durante um semestre, na *New York University* (NYU), numa parceria com Stony Brook. Nossas discussões

sobre a historiografia da escravidão e pós-abolição no Brasil foram de grande importância para minhas futuras pesquisas nessa área. Infelizmente, sua inesperada e trágica morte, em Santiago do Chile, impediu sua participação na minha banca de Doutorado.

Em 2005, recebi uma bolsa de pós-Doutorado da Capes para trabalhar com a Profa. Luciana Martins, no *Birkbeck College*, em Londres (2004-2005), cujo livro sobre o olhar britânico no Rio de Janeiro, um estudo instigante dos olhares de artistas e naturalistas sobre a capital do império no século XIX, reacendeu meu interesse pela literatura de viagem e suas interfaces com a História do Brasil.¹⁸ Entre as várias instituições de pesquisa que frequentei nessa ocasião, destaco a *Public Library* de Londres; o *British Museum*; e o *Kew Royal Botanic Garden*, onde consultei os originais dos diários de viagem da inglesa Maria Graham e do livro que escreveu durante o tempo em que morou no palácio da Quinta da Boa Vista, como governanta da princesa Leopoldina, no Rio de Janeiro, no séc. XIX. Publiquei parte dos resultados da pesquisa em um artigo na revista *Textura*.¹⁹

Em 2002, fui convidada para participar no Mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil, cuja área de concentração era o campo teórico dos Estudos Culturais, na Linha de Pesquisa Pedagogias e Políticas da Diferença. Os Estudos Culturais provocaram deslocamentos importantes no meu estudo das relações étnico-raciais no Brasil. Saliento, particularmente, a importância dos trabalhos de Stuart Hall e de Paul Gilroy para uma abordagem diaspórica da história e da cultura afro-brasileiras e para o questionamento de posicionamentos essencialistas e naturalizados do processo de construção das identidades negras no Brasil. Desde então, tenho orientado dissertações de Mestrado de alunos(as) da Ulbra, com ênfase nos seguintes temas: história e cultura afro-brasileira; patrimônio cultural e educação patrimonial; imprensa negra no pós-abolição; e relações étnico-raciais e educação. Em 2010, a dissertação de minha orientanda Isabel Silveira: *Representações racializadas e pedagogias abolicionistas no teatro de Arthur Rocha*, recebeu o prêmio de melhor dissertação da Fundação Palmares.

Em decorrência de uma crise econômica na Ulbra, prestei concurso para o cargo de professora de História no Município de Porto Alegre e, após aprovada, tornei-me também professora da Rede Pública Municipal de Porto Alegre. Nesse sentido, posso afirmar com muito orgulho, que

tive experiências de docência nos vários níveis de ensino: Fundamental, Médio, Superior e de Pós-Graduação. Em 2010, recebi um convite do então coordenador da Memória Cultural de Porto Alegre, o arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio,²⁰ para ocupar o cargo de diretora do Museu de Porto Alegre e fui cedida da Secretaria da Educação para a Secretaria da Cultura. No Museu Joaquim Felizardo, produzi e compartilhei com a equipe de funcionários daquele museu, projetos na área da Museologia. Em 2011, um projeto de nossa autoria recebeu o prêmio Microprojetos de Modernização de Museu, patrocinado pelo Instituto Ibram.

No ano de 2013, submeti o projeto intitulado “O Direito às Memórias Negras”, ao Edital “Preservação e Acesso aos Bens do Patrimônio Afro-Brasileiro”, uma parceria do Ministério da Cultura (Minc), com a Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e da Fundação Joaquim Nabuco (Funjab). O projeto recebeu patrocínio dessas instituições e foi possível montarmos uma equipe de pesquisadores para digitalizar e disponibilizar para o acesso público *online*, as coleções do jornal *O Exemplo*, um periódico da imprensa negra porto-alegrense, que circulou na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre os anos de 1892 e 1930, cujos exemplares estavam dispersos em coleções privadas e em várias instituições públicas. Atualmente, os pesquisadores interessados nesta temática podem realizar suas pesquisas *online*, na plataforma Cultura Digital, no *site* “Memórias Negras”, onde estão postados 368 exemplares do jornal, cada exemplar composto por quatro páginas, além de um catálogo das fontes pesquisadas. O pesquisador também terá acesso ao fichamento realizado no padrão *Dublin Core*, com as descrições em metadados de cada exemplar. Entendo que a preservação do jornal *O Exemplo* é de inestimável valor para a preservação da memória e da história dos afro-brasileiros e da cultura afro-brasileira, além de contribuir para a construção de identidades negras afirmativas e de assegurar aos afro-brasileiros o direito às suas memórias.

Podem falar um pouco das fontes de pesquisa que foram usadas e das instituições de pesquisa ou museológicas que foram frequentadas durante as pesquisas?

Entre as fontes que investiguei e as instituições de pesquisa que frequentei para a elaboração da minha tese de Doutorado sobre as políticas

de liberdade de escravizados e contratados no Rio Grande do Sul, nas três últimas décadas da escravidão, destaco a coleção de cartas de alforria registradas nos livros de Tabelionato e as Ações Cíveis de Liberdade, de escravizados e contratados, nas Cortes de Justiça, no Rio Grande do Sul, ambas localizadas no Arquivo Público de Porto Alegre (Apergs). Também consultei Ações Cíveis de Liberdade no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS) e os anuários de Graciano Azambuja, localizados na Biblioteca Pública de Porto Alegre, importantes fontes de acesso às estatísticas da época, além dos relatórios do Presidente da Província, disponíveis na biblioteca do Solar dos Câmara. Saliento, também, a importância do cruzamento dessas fontes com periódicos da imprensa local, particularmente, os jornais *A Reforma*; *A Federação*; *A Gazeta da Tarde*; *A Ordem*; *Folha da Tarde*; *Jornal do Comércio*; *Mercantil*; e *O Conservador*, localizados, no Museu de Comunicação Hipólito da Costa e o jornal *O Século*, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Esses periódicos me permitiram relativizar uma visão monolítica e única do processo de abolição no Rio Grande do Sul e, particularmente, me revelaram o silêncio sobre a participação de lideranças e sociedades abolicionistas negras e das mulheres no processo de abolição rio-grandense. Entendo que essas últimas temáticas merecem novas pesquisas, que possibilitem explorar e aprofundar novos temas e abordagens teóricas. Também analisei relatos de cronistas locais e de viajantes estrangeiros, cujas narrativas contribuíram para me aproximar das múltiplas formas de ser negro(a) na cidade de Porto Alegre, nas últimas décadas do século XIX. Destaco, entre os resultados de minha tese, a intensa resistência de escravizados e contratados no processo de abolição gradual no Rio Grande do Sul, tanto dentro dos limites da lei, como rompendo com as estratégias gradualistas das elites gaúchas e os múltiplos significados de liberdade que atribuíram às suas práticas de resistência. Nesse sentido, saliento que a historiografia sobre abolição nos EUA e no Brasil foram decisivas para os questionamentos que orientaram as minhas análises.

A partir da conclusão do meu Doutorado, meu interesse de pesquisa passou a ser investigar como cidadãos negros buscaram se integrar na sociedade pós-abolicionista e como encaminharam estratégias de solidariedade e de luta por melhores condições de vida e trabalho e contra o racismo e a discriminação racial. Passei a me interessar pelas fontes que revelam as vozes dos sujeitos negros silenciados na historiografia e na literatura *main stream*. Foi

com essa intenção, que me aproximei da imprensa negra do período pós-abolicionista. Foram decisivas para as minhas pesquisas nesta área os trabalhos dos historiadores Flávio Gomes,²¹ Petrônio Domingues,²² Ana Magalhães Pinto,²³ e Paulina Alberto²⁴ e, na historiografia rio-grandense, os trabalhos de Liane Susan Müller²⁵ e de José Antônio dos Santos.²⁶ Esses estudos demonstraram a riqueza da imprensa negra para se pensar o protagonismo negro e o processo de construção das identidades negras no pós-abolição.

Em termos de historiografia, quais foram os autores com os quais mais dialogastes? Como percebes o campo do pós-abolição, como e quando ele se constituiu, quais foram e são os principais autores que marcam esse campo historiográfico?

Nas décadas de 1980 e 1990, as discussões da historiografia brasileira sobre o pós-abolição chamaram a atenção para o fato de que durante muitos anos as relações raciais e a situação do negro no pós-abolição foram percebidas de forma quase naturalizada, como herança direta da escravidão moderna. De acordo com Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005),²⁷ desde o final dos anos 1970 e, principalmente nos anos 80, o rompimento com os diversos paradigmas estruturalistas até então predominantes, implicou investigar as sociedades pós-abolicionistas a partir das experiências dos próprios sujeitos negros, de forma a privilegiar suas memórias e experiências. O eixo central se deslocou do estudo das estruturas para o estudo dos protagonismos e das vivências cotidianas, buscando os significados atribuídos por esses atores sociais às suas ações e ao mundo ao seu redor. Durante o meu Doutorado estabeleci diálogos profícuos e estimulantes com vários autores da nova historiografia sobre escravidão e abolição no Brasil. Entre esses historiadores destaco: Eric Foner, Robert Toplin, Robert Conrad, Warren Dean, George Reid Andrews, Mary Karasch, Kim Butler, Katia Mattoso, João José Reis, Célia Marinha Azevedo, Ciro Flamarion Cardoso, Sidney Chalhoub, Maria Helena Machado, Rebecca Scott, Keila Grinberg, Hebe de Castro e Joseli Mendonça. No entanto, como salienta Hebe de Castro, seria enganoso pensar sobre essa historiografia de modo homogêneo, devido às diferentes referências teóricas adotadas. Na minha produção, destaco, particularmente, a inspiração dos trabalhos de historiadores da escravidão e do pós-abolição que demonstraram a capacidade dos sujeitos negros escravizados, libertos

e livres, de construir laços de solidariedade e suporte mútuo, que foram decisivos na erosão da política de dominação escravista brasileira e na luta contra o racismo e a discriminação racial.

Saliento a importância fundamental das produções de intelectuais negros(as) no estudo do pós-abolição no Brasil. Destaco, entre eles, correndo o risco de esquecer outros igualmente importantes: os Professores Clóvis Moura, Edison Carneiro, Abdias do Nascimento, Nei Lopes, Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Nilma Nilo Gomes, Petronilha B. Gonçalves Silva, Sueli Carneiro, Flávio Gomes, Petrônio Domingues, Valter Roberto Silvério, Wlamyra de Albuquerque, Muniz Sodré, Lourenço Cardoso, José Rivair Macedo, *Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Júnior*, Pedro Rubens, Roberto Santos, Deivison Costa e, recentemente, os estudos de Giovana Xavier, Giane Vargas Escobar, Fernanda Oliveira da Silva e Marcus Vinicius de Freitas Rosa, pesquisadores que têm contribuído sobremaneira, em diversas áreas do conhecimento, para reconfigurar a historiografia sobre o negro no pós-abolição e tirar da invisibilidade memórias, histórias e saberes negros.

Quais as temáticas que pensa como emergentes no campo do pós-abolição na atualidade?

A partir da perspectiva teórica de Stuart Hall e Paul Gilroy, entendo que a temática da construção de identidades negras diaspóricas é imprescindível nos estudos sobre o pós-abolição no Brasil. Conforme afirmam esses autores, as identidades diaspóricas são construídas a partir da experiência radical de desraizamento e constante metamorfose cultural e das experiências compartilhadas das memórias da escravidão e das lutas contra o racismo e a discriminação. De acordo com os autores, a noção de diáspora negra mostra-se extremamente esclarecedora para a compreensão dos processos de racialização no Ocidente, que ultrapassa as perspectivas nacionais e nacionalistas e permite considerar a experiência da dispersão global das pessoas negras nas Américas, no Caribe e na Europa, numa longa história de interconexões culturais que resultaram de uma série de migrações forçadas e voluntárias.

Nesse sentido, a análise dos processos de racialização no pós-abolição é uma temática que permanece atual e que merece ser considerada

e problematizada nos estudos recentes sobre o pós-abolição. Saliento as contribuições de Thomas Skidmore, quando discute raça e nacionalidade no pensamento brasileiro,²⁸ de Lilia Moritz Schwarcz,²⁹ no estudo sobre o espetáculo das raças, de Antonio Sérgio Guimarães,³⁰ Stuart Hall,³¹ Wlamyra Albuquerque³² e, mais recentemente, de Marcus Rosa,³³ sobre as relações raciais no pós-abolição em Porto Alegre. Esses autores têm destacado que raça não é uma categoria biológica, mas uma construção social e cultural, histórica e contingente, que não possui um significado natural e único, mas que é uma categoria em torno da qual se organiza um sistema de poder, exploração e exclusão, que tenta justificar as desigualdades em termos de distinções genéticas e biológicas reduzindo os negros à natureza. Nesse sentido, Richard Graham observou que o Estado brasileiro manteve uma hierarquia baseada na cor, o que impedia a absorção dos negros livres nas mesmas condições dos cidadãos brancos na sociedade brasileira do pós-abolição. Na prática, as hierarquias baseadas na cor da pele significavam que aqueles de cor mais escura não tinham o mesmo *status* e nem os mesmos direitos daqueles de pele mais clara. Também Paulina Alberto argumenta que, embora não houvesse referência explícita à raça na definição constitucional da cidadania, os fundadores da Primeira República conseguiram sistematizar uma série de exclusões de classe e raça nas instituições jurídicas e políticas do Brasil.

Entendo como igualmente importante o estudo do pós-abolição, a discussão sobre os privilégios da branquitude no Brasil. Nesse sentido, os estudos de Edith Piza,³⁴ Liv Sovik,³⁵ Lourenço Cardoso³⁶ e Lia Vainer Schucman³⁷ têm salientado que a supremacia branca e os privilégios raciais, materiais e simbólicos da branquitude posicionam os indivíduos brancos em um lugar superior na hierarquia racial e na cultura. Esses teóricos concordam que a branquitude necessita ser exposta e discutida, a fim de que se reconheçam os privilégios brancos e que se visibilizem suas implicações na sociedade brasileira.

Outra tendência, nas pesquisas históricas sobre o pós-abolição, é o estudo de biografias e trajetórias individuais e familiares de sujeitos negros(as) e da incorporação de suas subjetividades como uma dimensão fundamental para ser historicizada pelos pesquisadores. Destaco as importantes contribuições dos estudos de Sabrina Loriga³⁸ e de Benito Schmidt³⁹

e saliento a interpretação de Leonor Arfuch,⁴⁰ quando em seu estudo sobre o espaço biográfico: dilemas da subjetividade, afirma que é justamente por meio do processo narrativo que os seres humanos se imaginam a si mesmos como sujeitos de uma biografia. No entanto, a autora sublinha que nenhuma biografia poderá se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falará também de uma comunidade.

Recentemente, a partir da análise do jornal *O Exemplo* e do cruzamento com outras fontes de pesquisa, investiguei a trajetória de três médicos negros rio-grandenses: Chagas Carvalho (1893-1958); Arnaldo Dutra (1888-1929); e Diógenes Baptista (1891-1962), no contexto do pós-abolição e da História da Medicina no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. O objetivo central da pesquisa era visibilizar o protagonismo desses intelectuais negros como redatores e diretores do jornal de imprensa negra *O Exemplo* e como médicos na sociedade porto-alegrense no pós-abolição. Nesse sentido, compartilha-se com Flávio Gomes; Petrônio Domingues; José Antonio dos Santos; Paulo Staudt Moreira; Regina Célia Lima Xavier;⁴¹ Arilson dos Santos Gomes;⁴² e Rodrigo de Azevedo Weimer;⁴³ o entendimento de que é fundamental visibilizar biografias de negros(as) ainda anônimos(as) na história e na cultura brasileiras e interpretá-las de forma menos homogênea e linear, salientando suas trajetórias plurais e multifacetadas no pós-abolição.

Aproveito também esta oportunidade, para refletir sobre as mulheres negras no pós-abolição. Já na primeira década do século XX, o jornal *O Exemplo* denunciava os abusos cometidos contra mulheres negras nos transportes públicos, particularmente, na Cia. Carris de Ferro Porto-Alegrense e, até hoje, os altos índices de feminicídios e o predomínio de mulheres negras nos serviços domésticos no Brasil, exigem que os pesquisadores considerem as múltiplas variáveis de opressão que incidem sobre as mulheres negras. Nesse sentido, intelectuais negras como Angela Davis;⁴⁴ Bell Hooks;⁴⁵ Lélia Gonzalez;⁴⁶ Kimberle Crenshaw;⁴⁷ Sueli Carneiro; Grada Kilomba;⁴⁸ Giovana Xavier;⁴⁹ Djamila Ribeiro;⁵⁰ e Carla Akotirene,⁵¹ entre outras, têm salientado a importância de se considerar a interseccionalidade de opressões, de classe, gênero e raça nas pesquisas sobre a história das desigualdades e das diferenças no Brasil e, particularmente, na construção da identidade das mulheres negras no pós-abolição. Também os estudos de Patrícia Hill Collins sobre

o feminismo negro têm demonstrado como essas múltiplas categorias de opressão têm afetado de forma diferenciada a vida das mulheres negras.⁵²

Gostaria, também, de reconhecer e agradecer as inestimáveis contribuições de meus ex-alunos(as), pesquisadores e bolsistas de Iniciação Científica qualificados, que, ao longo da minha carreira, apoiaram minhas pesquisas e publicações: Cristine Fortes Lia,⁵³ Thanise Guerini Attolini,⁵⁴ Vitor Costa⁵⁵ e Leonardo Américo.⁵⁶ O apoio de vocês foi fundamental na minha trajetória acadêmica.

Para concluir essa entrevista, faço minhas as palavras de Margareth Rago, quando afirma que mais do que nunca o ofício do historiador se amplia, em busca de um público-leitor que já não se encontra somente nas universidades e instituições acadêmicas. E, mais uma vez, agradeço a oportunidade desta entrevista! Até breve!

Notas

1. Professora Titular na UFSM, doutorou-se em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (1997). Autora de: *As artes de curar*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc, 1999.
2. Mestre em História pela PUC-RS (1993), com a dissertação: *Escravidão urbana em Rio Grande: 1850-1888*. Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2013). Auditora Pública Externa no Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul.
3. Professora aposentada da UFRGS, doutorou-se em Estudos Latinoamericanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (1983). Publicou: *Que a União Operária seja nossa pátria!* História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Santa Maria: Ed. da UFSM, 2001.
4. Professora Titular na UFRGS com Doutorado em Etnomusicologia pela *University of Texas*, Austin (1990).
5. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1989). Membro da diretoria do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Publicações: *Banco de depoimentos de escritores/historiadores: concepção e escrita da história sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2019; *Comunidades judaicas no interior do RS*: Passo Fundo e Erechim. Porto Alegre: Evangraf, 2014; *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.
6. Professora no Departamento de História da Universidade de Nova Iorque.
7. Professora Titular na UFRGS, Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1987). Falecida em 2009. Publicações: *Visões do cárcere*. Porto Alegre: Zouk, 2009; *Os sete pecados da capital*. São Paulo: Hucitec, 2008; *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Nacional, 2001; *Os pobres da cidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994; *Emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989; *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
8. Professora aposentada da UFRGS e Unisinos. Doutora em História Social pela USP (1989).
9. Trata-se do *Guia preliminar de fontes para o estudo do processo de industrialização no RS (1889-1945)*. Porto Alegre: UFRGS: FEE, 1986.
10. Mestre em Estudos Latino-Americanos pela *Vanderbilt University* (1980).

Professora na Universidade Luterana do Brasil. Historiógrafa aposentada da Secretaria de Estado da Cultura.

11. Helga Iracema Landgraf Piccolo, professora aposentada da UFRGS, Doutora em História pela USP (1972).

12. Céli Regina Jardim Pinto, Professora Emérita da UFRGS, doutorou-se em Ciência Política pela *University of Essex* – Inglaterra. Pesquisadora 1B do CNPq. Produções: *A banalidade da corrupção: uma forma de governar o Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011; *Teorias da democracia, diferenças e identidades na contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004; *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003; *Com a palavra o senhor presidente*. São Paulo: Hucitec, 1989; *Positivismo: um projeto político alternativo*. Porto Alegre: LPM, 1986.

13. Doutora em História Social pela USP (1987). Publicações: *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998; *Coronelismo, borgesismo e cooptação política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

14. Título: *Slaves and contratados: the politics of freedom in Rio Grande do Sul – Brazil*, 1865-1888.

15. Professora na USP de 1964 a 1969 quando foi aposentada compulsoriamente pela ditadura militar brasileira. Entre 1973 e 1999 foi professora de História

da América Latina na *Universidade de Yale* (Connecticut), Tulane (New Orleans) e Illinois (Urbana-Champaign). Falecida em 2017.

16. Foi professor de História na Universidade de Nova York. Faleceu em 1994.

17. Trata-se do livro *Rio Claro: a brazilian plantation system: 1820-1920*, publicado em 1976 pela Stanford University Press e, no ano seguinte, em português, pela Paz e Terra.

18. MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico, 1800-1850*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

19. A vistosa vestimenta vegetal do Brasil: Maria Graham e as representações da natureza tropical no século XIX. *Textura*, Canoas, v. 11, n. 1, p. 57-63, 2005.

20. Doutor em História da Arte e Gestão Cultural pela Universidade Pablo de Olavide, Sevilha – Espanha (2010). Foi presidente do ICOM Brasil (2001-2006) e vice-presidente do *International Council of Museums* (Icom-LAC); arquiteto no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (1983). Diretor Regional e Nacional do Iphan (1987-1999) e consultor em Turismo Cultural do Sebrae (1999-2004); coordenador da Memória Cultural da Secretaria da Cultura de Porto Alegre (2009-2016).

21. Flávio dos Santos Gomes: Professor na UFRJ, doutorou-se em História Social (1997) pela Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 1B.

- Publicações: *Mocambos e quilombos*: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015; *Zumbi dos Palmares*: histórias, símbolos e memória social. São Paulo: Claro Enigma, 2011; *O Alufá Rufino*: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c. 1822-c.1853). São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (em coautoria com João José Reis e Marcus Carvalho); *Histórias de quilombolas*: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – séc. XIX. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
22. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2. Doutorado pela USP (2005). Professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Publicações: *Protagonismo negro em São Paulo*: história e historiografia. São Paulo: Edições Sesc, 2019; *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
23. Doutora pela Unicamp (2017), professora na UnB. Publicações: *Escritos de liberdade*: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018; *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
24. Doutora em História pela *University of Pennsylvania* (2005). Professora na Universidade de Michigan. Publicações: *Termos de inclusão*: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Ed. da Unicamp, 2017.
25. Mestra em História do Brasil pela PUC-RS (1999), professora na Rede Pública Estadual. Autora de: *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.
26. Doutor em História pela PUC-RS (2011). É autor dos livros: *Liga da Canela Preta*: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018; *Raiou a alvorada*: intelectuais negros e imprensa. Pelotas: Ed. da UFPel, 2003.
27. RIOS, Ana L.; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
28. SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
29. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
30. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: Ed. 34, 2002.
31. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001; HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
32. ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *A exaltação das diferenças*: racialização, cultura e cidadania negra (Bahia, 1880-1900). 2004. Tese (Doutorado em

- História) – Universidade Estadual de Campinas. Essa tese de doutorado resultou nesta publicação: ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
33. Marcus Vinicius de Freitas Rosa. Professor na UFRGS, Doutor em História pela Unicamp (2014). Autor de: *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição*. Porto Alegre: EST, 2019; *Pessoas comuns, história incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS: Est, 2017 (em coautoria com Fernanda Oliveira da Silva, Jardélia Rodrigues de Sá, Sarah Calvi Amaral Silva, Melina Kleinert Perussato e Luciano da Costa Gomes).
34. PIZA, Edith. *Branco no Brasil?* Ninguém sabe, ninguém viu. In: HUNTLEY, L. W.; GUIMARÃES, A. S. A. (org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 97-125; PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: Carone, I.; BENTO, M. A. da S. (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 59-90.
35. Liv Sovik é Professora Titular na Escola de Comunicação da UFRJ. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP (1994). Publicações: *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009; SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron. *Branquitude: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond: Centro de Estudos Afro-Brasileiros: Universidade Cândido Mendes, 2004; Por que tenho razão: branquitude, estudos culturais, e a vontade da verdade acadêmica. *Contemporânea* – Revista de Comunicação e Cultura [Journal of Communication and Culture], v. 3, n. 2, p. 159-180, 2005.
36. Professor-Adjunto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Doutor em Ciências Sociais pela Unesp-Araraquara. Ver: *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2014; *O branco invisível: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2008.
37. Professora na Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Psicologia Social pela USP (2012). Publicações: *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. Salvador: Edufba, 2018; *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude hierárquica e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.
38. LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da*

biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011; *Soldats: un laboratoire disciplinaire: l'armée piémontaise au XVIIIème siècle*. Paris: Mentha, 1991; A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. s/p.

39. Professor na UFRGS, Doutor em História Social do Trabalho pela Unicamp (2002). Publicações: *Flavio Koutzii: biografia de um militante revolucionário (de 1943 a 1984)*. Porto Alegre: Libretos, 2017; *Novas questões de teoria e metodologia da história e historiografia*. São Leopoldo: Oikos, 2011; *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004; *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000; *Um socialista no Rio Grande do Sul*: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

40. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

41. Professora na UFRGS, doutorou-se em História pela Unicamp (2002). Publicações: *Religiosidade e Escravidão, século XIX*: mestre Tito. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2008; *História da escravidão e da liberdade no Brasil meridional*: guia bibliográfico. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS,

2007; *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000; *A conquista da liberdade*. Campinas: Centro de Memória: Ed. da Unicamp, 1996.

42. Professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Publicações: *Presença negra em Camaquã-RS: identidade, cultura e resistência*. Camaquã-RS: Impressão Livros, 2016; *O universo das gentes do mar e a identidade negra nos discursos e práticas políticas de Carlos Santos (1959-1974)*. Porto Alegre: Edijuc, 2015; *Joaquim Nabuco: o visionário político das ações de inclusão social (1849-1910)*. Pelotas-RS: Editora e Gráfica Universitária PREC-UFPel, 2010.

43. Historiador do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Doutor pela UFF (2013). Publicações: *Os camponezes do Morro Alto: família e trabalho no litoral norte do Rio Grande do Sul no pós-abolição (1890-1930)*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2016; *Felisberta e sua gente: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015; *Os nomes da liberdade: ex-escravos na Serra gaúcha no pós-abolição*. São Leopoldo: Oikos: Ed. da Unisinos, 2008.

44. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016; *Mulheres, cultura e política*. São Paulo:

- Boitempo, 2017; *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
45. Hooks, bell. *Ain't a woman: black women and feminism*. 1.º ed. 1981. Trad. livre da Plataforma Gueto, 2014; *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015; *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018; *Olhares negros, raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
46. GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, ns. 92- 93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Nanny. *Humanidades*, Brasília, v. 17, p. 23-25, 1988; Por um feminismo afro-latino-americano. *Isis Internacional*, v. IX, 1988; Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
47. CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002; *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. In: VV. AA. o cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifen, 2004.
48. KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
49. Doutora pela Unicamp (2012), professora na UFRJ. Autora de: *Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando a sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019; *Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas*. Rio de Janeiro: Cachoeira: Fino Traço; UFRB, 2016; *Branças de almas negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
50. RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
51. AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
52. COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, v. 5, n. 1. jan./jun. 2017; *Pensamento feminista negro*. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
53. Doutora em História pela PUC-RS (2004). Professora na Universidade de Caxias do Sul.
54. Graduada em História pela Ulbra e Mestra em Educação pela Ulbra.
55. Graduado em História pela Ulbra (2017). Mestrando em História pela Unisinos com o projeto de pesquisa: *Trajetórias e memórias de famílias negras: a família Baptista da Silva (C.1849 - Tempo Presente)*.
56. Graduado em História pela Ulbra (2018). Mestrando em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Canoas-RS.